Revista Diversidade e Educação

PERCEPÇÃO DE COMPORTAMENTOS HETEROSEXISTAS E HOMOFÓBICOS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS/AS

PERCEPCIÓN DE COMPORTAMIENTOS HETEROSEXISTAS Y HOMOFÓBICOS ENTRE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

PERCEPTION OF HETEROSEXIST AND HOMOPHOBIC BEHAVIORS AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Tiago Cândido Gualter [1]

Denner Marques Cruz [2]

Vagner Miranda da Conceição [3]

Patrícia da Conceição Rocha Rabelo [4]

RESUMO

Este estudo investiga a percepção de comportamentos heterossexistas e homofóbicos entre estudantes LGBTQIAPN+ e não LGBTQIAPN+ do curso de Educação Física da PUC Minas. Com abordagem quantitativa descritiva, questionários foram aplicados a 147 participantes para identificar experiências de discriminação. Os resultados indicam que estudantes LGBTQIAPN+ relatam com maior frequência a presença de comportamentos preconceituosos, evidenciando uma desigualdade na vivência acadêmica. A análise aponta que, apesar da crescente conscientização sobre diversidade, normas culturais ainda sustentam práticas discriminatórias. Conclui-se que políticas inclusivas e a ampliação de conteúdos sobre diversidade sexual e de gênero no currículo são essenciais para um ambiente acadêmico mais respeitoso. A pesquisa reforça a necessidade de ações que promovam um espaço seguro e acolhedor para todos/as os/as estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física. Homofobia. Sexismo. Formação profissional.

[1] Bacharel em Educação Física. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

[2] Bacharel em Educação Física. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

[3] Doutor em Estudos do Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

[4] Doutora em Ciências do Esporte. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMEN
Este estudio investiga la percepción de comportamientos heterosexistas y homofóbicos entre estudiantes LGBTQIAPN+ y no LGBTQIAPN+ del curso de Educación Física de la PUC Minas. Con un enfoque cuantitativo descriptivo, se aplicaron cuestionarios a 147 participantes para identificar experiencias de discriminación. Los resultados indican que los estudiantes LGBTQIAPN+ reportan con mayor frecuencia la presencia de comportamientos prejuiciosos, evidenciando una desigualdad en la vivencia académica. El análisis señala que, a pesar de una creciente conciencia sobre diversidad, las normas culturales aún sostienen prácticas discriminatorias. Se concluye que las políticas inclusivas y la ampliación de contenidos sobre diversidad sexual y de género en el currículo son esenciales para un entorno académico más respetuoso. La investigación refuerza la necesidad de acciones que fomenten un espacio seguro y acogedor para todos los estudiantes.
PALABRAS-CLAVE: Educación Física. Homofobia. Sexismo. Formación Profesional.

ABSTRACT
This study investigates the perception of heterosexist and homophobic behaviors among LGBTQIAPN+ and non-LGBTQIAPN+ students in the Physical Education program at PUC Minas. Using a descriptive quantitative approach, questionnaires were administered to 147 participants to identify experiences of discrimination. The results indicate that LGBTQIAPN+ students report witnessing prejudiced behaviors more frequently, highlighting an inequality in academic experiences. The analysis suggests that, despite growing awareness of diversity, cultural norms still uphold discriminatory practices. It is concluded that inclusive policies and the expansion of content on sexual and gender diversity in the curriculum are essential for a more respectful academic environment. This research reinforces the need for actions that promote a safe and welcoming space for all students.
KEYWORDS: Physical Education. Homophobia. Sexism. Professional Training.

***

Introdução

O levantamento do IBGE (2022) indicou que cerca de 3 milhões de brasileiros/as (2% da população adulta) se identificam como parte da comunidade LGBTQIAPN+. No entanto, a "Pesquisa do Orgulho" (Datafolha, 2022) registrou um número significativamente maior, de 15,5 milhões (9,3%), sugerindo uma subnotificação nos dados oficiais e a necessidade de estudos mais abrangentes. Além da disparidade estatística, os dados revelam um cenário de exclusão: apenas 37% dessa população sente-se respeitada, enquanto 57% relatam ter sofrido preconceito e discriminação no Brasil.

No contexto da Educação Física, como área que abrange dimensões físicas, sociais e emocionais, é fundamental a promoção de um ambiente inclusivo e acolhedor para todos/as os/as estudantes, independentemente de sua orientação afetivo-sexual ou

identidade de gênero. Giancarlo Spizzirri *et al*. (2022) revelam que estudantes lésbicas, gays e bissexuais têm, em média, níveis educacionais superiores em comparação a homens cisgêneros heterossexuais, mas ainda enfrentam preconceitos e discriminação que afetam seu bem-estar e integração plena nesses espaços. Essa questão é ainda mais pronunciada no campo da Educação Física, onde os estereótipos de gênero, masculinidade e sexualidade, reforçam a heteronormatividade e a homofobia, permeando tanto a prática pedagógica quanto a profissional (Luiza Aguiar dos Anjos, 2015). Segundo Sandra Sousa *et al*. (2020), esse contexto de discriminação, manifestada através de piadas, comentários e exclusão social, faz com que a Educação Física possa ser vista como um espaço onde o heterossexismo e a homofobia ainda permaneçam enraizados.

Partindo da constatação de que comportamentos discriminatórios, em especial os de cunho heterossexista e homofóbico, ainda se manifestam no ambiente acadêmico, o presente estudo busca investigar como essas atitudes são percebidas e vivenciadas pelos/as estudantes dos cursos de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), campus Coração Eucarístico. A pesquisa questiona se existem disparidades na percepção e vivência do heterossexismo e da homofobia entre diferentes grupos de estudantes no curso de Educação Física. Ao problematizar esse cenário, o estudo busca compreender como as experiências ligadas à diversidade sexual e de gênero configuram o cotidiano universitário e impactam a formação ética e pedagógica desses/as futuros/as profissionais. Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é analisar a percepção de comportamentos heterossexistas e homofóbicos entre estudantes LGBTQIAPN+ e estudantes não LGBTQIAPN+ do curso de Educação Física da PUC-MG, *campus* Coração Eucarístico.

Segundo Nilson Sousa Cirqueira, José Valdir Jesus de Santana e Reginaldo Santos Pereira (2023), a falta de discussões e ações efetivas para combater comportamentos discriminatórios contribui para a perpetuação desse problema. Assim, esse trabalho propõe-se a preencher essa lacuna, analisando a percepção e a incidência de manifestações heterossexistas e homofóbicas entre estudantes LGBTQIAPN+ e estudantes não LGBTQIAPN+ do curso de Educação Física da PUC-MG.

A discussão sobre heterossexismo e homofobia na graduação em Educação Física é fundamental para integrar as dimensões acadêmica, social e profissional, promovendo um ambiente de ensino inclusivo e seguro para todos/as os/as estudantes (Maria Luiza Covas Fonseca Ribeiro, 2024). Ao combater a discriminação e dar visibilidade às pautas LGBTQIAPN+, a formação de profissionais éticos/as e conscientes contribui para a

construção de uma cultura de respeito que transborda a universidade, impactando positivamente escolas e comunidades (IBGE, 2022; William Roslindo Paranhos e Elizabeth Fernandes de Macedo, 2023). Assim, ao inserir conteúdos sobre diversidade nos currículos, a pesquisa na PUC-MG busca não apenas diagnosticar comportamentos excludentes, mas também fornecer subsídios para práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade e a cidadania (Breno Eustáquio da Silva *et al*., 2024).

Heterossexismo, Homofobia e Diversidade Sexual

Gregory M. Herek (2004) afirma que o heterossexismo não possui uma origem nem uma definiçãoprecisas, tendo emergido no contexto das lutas por direitos civis da década de 1970, inspirado nas noções de racismo e sexismo. Ainda que, por vezes, seja utilizado como sinônimo de homofobia, o conceito oferece uma compreensão mais ampla e sociológica do preconceito, ao situá-lo nas estruturas institucionais, materiais e ideológicas da sociedade. Nesse sentido, o autor o define como a manifestação e perpetuação, em instituições como a justiça, a educação e o trabalho, da ideia de que tudo o que não é heterossexual possui menor valor e legitimidade e/ou é ruim e anormal (Jonathan Ned Katz, 1996). Tal perspectiva permite compreender que o heterossexismo está enraizado em processos históricos mais amplos, como o patriarcado e a construção social de hierarquias baseadas no gênero e na sexualidade, que reforçam a heterossexualidade como a única orientação considerada natural e aceitável.

Nessa direção, Aléxia Cruz Bretas (2017) define o heterossexismo como um sistema que privilegia a heterossexualidade como norma, marginalizando outras sexualidades e sendo sustentado por normas culturais que moldam as identidades de gênero, as quais precisam ser desconstruídas para possibilitar novas formas de subjetivação. Além disso, segundo a autora, o heterossexismo opera como uma forma de falso reconhecimento ao excluir minorias sexuais da plena participação social, impactando dimensões culturais e materiais dessas populações. De modo complementar, José Geovânio Buenos Aires Martins *et al.* (2020) destacam que a insistência na cisnormatividade e na heteronormatividade contribui para a marginalização e desvalorização de sujeitos que fogem desses padrões, tratando-os/as como desviantes da norma e perpetuando um ambiente hostil à população LGBTQIAPN+, bem como a ideia de que apenas relações heterossexuais são legítimas (Bretas, 2017). Em consonância, Suzanne Pharr (1997) ressalta que é o heterossexismo que cria as condições para as

manifestações da homofobia, operando, inclusive, de forma institucional e indireta, mesmo na ausência de intenção discriminatória individual, como evidenciado em dispositivos legais e normativos que excluem populações não heterossexuais por omissão.

Daniel Borrillo (2010) define a homofobia como uma hostilidade geral, de natureza psicológica e social, direcionada àqueles que desejam ou podem desejar pessoas do mesmo sexo, caracterizando-a como uma forma específica de sexismo que também rejeita todos os que não se conformam aos papéis de gênero prescritos pelo sexo biológico. Para o autor, trata-se de uma construção ideológica que promove a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade, organizando uma hierarquização das sexualidades da qual decorrem implicações políticas. Nesse processo, a homofobia agrega sentimentos de repulsa e hostilidade que posicionam o outro como inferior ou anormal, produzindo uma distância simbólica que reforça a exclusão e evidencia a tensão entre um ideal normativo e as experiências reais dos sujeitos dissidentes. Danyelle dos Santos Vito, Silvia Rafaela Demétrio Costa e Douglas Verbicaro Vito Soares (2024) compreendem a homofobia como um preconceito e uma forma de discriminação direcionada a pessoas LGBTQIAPN+, baseada na não aceitação de suas orientações sexuais ou identidades de gênero, manifestando-se como uma forma de ódio que marginaliza, desumaniza e atua como fator motivador de violência, perpetuando a exclusão e gerando impactos significativos na vida dessas populações.

Embora reconheçamos as distinções entre as diversas opressões enfrentadas pela população LGBTQIAPN+, optamos pelo uso abrangente do termo "homofobia" para manter a consistência teórica com Vito, Costa e Soares (2024). Cientes das limitações dessa escolha e do risco de invisibilizar experiências específicas, adotamos essa abordagem para fins de clareza e comunicabilidade no contexto deste trabalho, sem prescindir da necessidade de debates futuros mais nuançados.

Jeferson Taborda (2023) destaca que a homofobia é uma construção social que permeia tanto o espaço público quanto o privado, sustentada por normas patriarcais e cisheteronormativas que valorizam a virilidade masculina como um importante capital simbólico. Seus achados revelam que a perda dessa virilidade é percebida como uma ameaça à ordem social, o que desencadeia discursos homofóbicos. Além disso, o autor demonstra que a homofobia vai além de questões individuais ou familiares, estando profundamente enraizada nas relações de poder e nas normas sociais, impactando a vida de pessoas LGBTQIAPN+ em diversos contextos.

Jardinélio Reis da Silva e Damião Rocha (2024), bem como e Sousa *et al.* (2020) apontam que o heterossexismo e a homofobia se manifestam tanto de forma explícita quanto implícita. As manifestações explícitas são mais evidentes, como ataques verbais, físicos e legislativos contra pessoas LGBTQIAPN+, violência de gênero e discriminação no acesso a direitos básicos. As manifestações implícitas, por outro lado, estão enraizadas nas estruturas sociais e culturais, como piadas, estereótipos, ausência de representações e marginalização de pessoas LGBTQIAPN+.

Para Fabiano Gontijo (2023), a diversidade sexual constitui um conceito multifacetado que transcende as convenções heteronormativas e patriarcais ao legitimar a pluralidade de orientações afetivo-sexuais e identidades de gênero. Nesse sentido, Beatriz Pagliarini Bagagli (2017) complementa a discussão ao definir a orientação afetivo-sexual como a capacidade individual de sentir atração emocional ou sexual por pessoas de diferentes gêneros, enquanto a identidade de gênero refere-se à percepção interna e subjetiva do próprio gênero, que pode divergir do sexo atribuído ao nascimento. Juntas, essas perspectivas desafiam a hierarquização das expressões de afeto e reconhecem a autonomia de cada sujeito em manifestar sua identidade por meio de modificações corporais, vestimentas e comportamentos que reflitam sua vivência pessoal.

Manifestações Heterossexistas e Homofóbicas no ambiente acadêmico

Os comportamentos e comentários homofóbicos e heterossexistas ainda fazem parte de diversos contextos sociais, acadêmicos e profissionais. Embora existam políticas legais que protejam contra a discriminação com base na orientação afetivo-sexual, as culturas organizacionais frequentemente não aplicam essa proteção, permitindo que a heteronormatividade e a homofobia prevaleçam (Sousa *et al*., 2020).

Segundo Anjos (2015) e Sousa *et al*. (2020), as brincadeiras, piadas, apelidos e exclusões baseadas em orientação afetivo-sexual geram estresse, constrangimento, isolamento e até mesmo violência verbal e física. Essas atitudes refletem intolerância e desrespeito à diversidade, perpetuando preconceitos e estigmas que podem afetar a saúde mental, o bem-estar e o desempenho de pessoas LGBTQIAPN+.

Para Graciete Pantoja Antunes e Vivian da Silva Lobato (2024), a homofobia é um fenômeno recorrente e perpetuado tanto por professores/as quanto por funcionários/as. Essa realidade não apenas se aplica ao contexto escolar, mas também pode ser observada em instituições de ensino superior, onde a violência verbal e o

preconceito podem se manifestar de forma mais sutil, mas igualmente prejudicial. A exclusão e o sofrimento causados pela falta de práticas inclusivas, aliadas ao silêncio institucional frente à discriminação, geram barreiras para que estudantes LGBTQIAPN+ se sintam acolhidos/as e apoiados/as em seu percurso acadêmico. Portanto, é essencial que o currículo universitário adote uma abordagem inclusiva, promovendo o respeito às diferenças e uma justiça social efetiva, de modo que o ambiente acadêmico se torne verdadeiramente um espaço de transformação e não de perpetuação de preconceitos.

Impactos na Formação Profissional

O preconceito e a discriminação enfrentados por estudantes LGBTQIAPN+ em estruturas institucionais cisheteronormativas fazem com que esses estudantes encontrem barreiras culturais e sociais que afetam diretamente sua experiência acadêmica (Vagner Matias do Prado; Helena Altmann, 2023). De acordo com Felipe de Baére e Valeska Zanello (2022), os/as estudantes/as LGBTQIAPN+ enfrentam diariamente uma série de desafios e obstáculos que podem afetar sua saúde mental. Os retrocessos em direitos e o aumento de violência e exclusão ressaltam a fragilidade mental e social da comunidade.

Segundo Gilson Gomes Coelho, Plábio Marcos Martins Desidério e Luisa Pereira Rocha (2023), a população LGBTQIAPN+ continua a ser desumanizada e enfrenta formas persistentes de violência, especialmente alimentadas por forças políticas e religiosas que reforçam uma ordem social excludente. O preconceito é intencionalmente cultivado para associar a heterossexualidade e a cisgeneridade a valores de normalidade e superioridade, resultando em múltiplas manifestações de violência, sejam físicas, simbólicas e/ou estruturais. Sustentada por discursos que tratam identidades dissidentes como doenças, essa opressão provoca estigmas e sensações de inadequação, afetando a saúde mental e a dignidade dessas pessoas, ao mesmo tempo em que gera um clima de constante ameaça para toda a comunidade LGBTQIAPN+.

Segundo Adeilson Paula (2024), a educação é uma poderosa ferramenta de transformação, promovendo a reflexão e o debate sobre questões sociais, como gênero e sexualidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária. No entanto, Camila Midori Takemoto Vasconcelos e Lílian Aparecida Ferreira (2020) identificaram que a formação de professores/as de Educação Física, em temas como gênero e sexualidade, ainda é limitada e abordada principalmente sob uma perspectiva biológica. Essa abordagem superficial evidencia a necessidade de uma discussão mais

ampla e crítica, pois o despreparo compromete a capacidade dos/as futuros/as profissionais para lidar com a diversidade nos ambientes escolar e profissional.

Procedimentos Metodológicos

O presente estudo caracteriza-se por uma abordagem quantitativa, de natureza descritiva e delineamento transversal. Segundo Antônio Carlos Gil (2017), a pesquisa descritiva visa identificar as características de um fenômeno ou população em um recorte temporal específico, investigando opiniões e comportamentos para compreender atitudes vigentes. O método de levantamento (*survey*) foi adotado para a obtenção de dados primários.

A amostra foi constituída por estudantes do curso de Educação Física da PUC-MG, especificamente do campus Coração Eucarístico, selecionados/as por meio de uma amostragem não probabilística por conveniência, o que justifica a ausência de cálculo amostral prévio. Como critérios de inclusão, foram considerados apenas os/as estudantes regularmente matriculados no referido curso e unidade que possuíssem idade igual ou superior a 18 anos. O processo de captação e recrutamento dos/as voluntários/as ocorreu mediante divulgações presenciais em sala de aula, bem como pelo envio de mensagens de texto e comunicados oficiais através do e-mail institucional.

Utilizou-se um questionário estruturado - "Percepção de heterossexismo e homofobia entre alunos de graduação em Educação Física da PUC Minas", adaptado do instrumento original de Ronald Morrow e Diane Gill (2003), traduzido por Angelita Alice Jaeger *et al.* (2019), aplicado inicialmente no contexto escolar estadunidense. O instrumento foi organizado em duas dimensões: a) perfil sociodemográfico: coleta de dados sobre período do curso, turno, idade, raça/cor, sexo biológico, identidade de gênero e orientação afetivo-sexual para fins de caracterização amostral; e b) percepção de heterossexismo e homofobia: composta pelos 10 itens iniciais (questões fechadas) do questionário adaptada, focando em condutas observadas ou vivenciadas no ambiente acadêmico e na relação discente-docente.

A coleta ocorreu de forma remota via plataforma *Google Forms*. Após o contato inicial e o recrutamento, o *link* do formulário foi disponibilizado aos/as voluntários/as. O preenchimento seguiu o fluxo lógico: a) leitura e aceite digital dos termos de consentimento; b) preenchimento dos dados sociodemográficos; e c) resposta aos itens específicos sobre o fenômeno estudado.

Os dados brutos extraídos do *Google Forms* foram exportados para o *Google Planilhas* (versão 2024) para fins de tabulação. A amostra foi organizada em dois grupos comparativos: Grupo LGBTQIAPN+ e Grupo não LGBTQIAPN+. A análise baseou-se em estatística descritiva, com a organização das frequências e dados em tabelas formatadas no *Microsoft Word* (Microsoft 365), visando a interpretação das percepções prevalentes em cada grupo.

A pesquisa foi conduzida em observância às Resoluções n.º 466/2012 e n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O protocolo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE: 83184424.8.0000.5137. Todos/as os/as participantes registraram sua anuência via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Compromisso de Utilização de Dados. Garantiu-se o anonimato, a confidencialidade e o direito de retirada a qualquer momento sem ônus. O risco de desconforto emocional ao responder sobre temas sensíveis foi mitigado pelo reforço à natureza voluntária da participação e pelo suporte informativo oferecido pelos pesquisadores.

Resultados e discussão

No total, 147 participantes, estudantes do curso de Educação Física da PUC-MG, responderam ao questionário. É fundamental enfatizar que as informações abordadas neste estudo, assim como as conclusões destacadas, são específicas para o grupo de participantes pesquisados/as. Portanto, não é apropriado extrapolar generalizações a partir delas. No entanto, essas observações apresentam relevância no âmbito da reflexão sobre comportamentos heterossexistas e homofóbicos no ensino superior.

Neste estudo, primeiramente, são apresentadas as características gerais dos/as participantes, fornecendo um perfil detalhado dos/as mesmos/as para contextualizar a pesquisa. Em seguida, são abordados dados sobre a percepção dos comportamentos heterossexistas e homofóbicos no ambiente acadêmico, analisando como os/as participantes vivenciam e interpretam essas dinâmicas dentro do espaço universitário.

Todos/as os/as participantes confirmaram vínculo com o curso de Educação Física da PUC-MG, com uma distribuição do 1º ao 8º período. A amostra caracteriza-se por ser predominantemente jovem, com média de idade de 23,71 ± 6,08 anos, e majoritariamente matriculada no turno da manhã (61,2%), conforme detalhado na Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização da amostra: período e turno

Dado	Itens	n	%
Período	1º	12	8,2
	2º	6	4,1
	3º	18	12,2
	4º	22	15
	5º	14	9,5
	6º	7	4,8
	7º	22	15
	8º	23	15,6
	Irregular	23	15,6
Turno	Manhã	90	61,2
	Noite	57	38,8

Fonte: dados da pesquisa. n = frequência; % = porcentagem.

A maior parte da amostra autodeclarou-se branca (53,7%) e do sexo masculino (70,7%). No que se refere à identidade de gênero, 68,7% identificaram-se como homens cisgênero. Quanto à orientação afetivo-sexual, a maioria é heterossexual (82,3%), enquanto o grupo LGBTQIAPN+ totaliza 17,7% (n = 26), composto por lésbicas (6,8%), bissexuais (6,1%), gays (2,7%) e pansexuais (2,0%), conforme detalhado na Tabela 2.

Tabela 2 – Caracterização da amostra: raça e cor; sexo biológico, identidade de gênero e orientação afetivo-sexual

Dado	**Itens**	**n**	**%**
Raça/Cor	Amarela	0	0
	Branca	79	53,7
	Indígena	1	0,7
	Parda	48	32,7
	Preta	19	12,9
	Não declarada	0	0
Sexo Biológico	Feminino	43	29,3
	Masculino	104	70,7
	Intersexo	0	0
	Não declarada	0	0
Identidade de Gênero	Homem cisgênero	101	68,7
	Mulher cisgênero	42	28,6
	Homem transgênero	0	0
	Mulher transgênero	0	0
	Não-binário	0	0
	Não declarada	2	1,4
	Masculino	1	0,7
	Hetero	1	0,7
Orientação Afetivo-sexual	Lésbica	10	6,8
	Gay	4	2,7
	Bissexual	9	6,1
	Assexual	0	0
	Pansexual	3	2
	Heterossexual	121	82,3
	Não declarada	0	0

Fonte: dados da pesquisa. n = frequência; % = porcentagem.

De acordo com os dados expostos acerca da caracterização da amostra, o curso de Educação Física da PUC-MG é composto majoritariamente por adultos jovens brancos do sexo masculino, o que é consistente com os achados de Thatielli de Araujo Aguiar, Edson Farret da Costa Junior e Raphael Almeida Silva Soares (2022), que identificaram um perfil similar nos cursos de Educação Física, porém em outras universidades no Rio de Janeiro. Segundo os autores, há uma predominância de jovens do sexo masculino, majoritariamente brancos, cuja média de idade está entre 21 e 30 anos.

No que se refere à identidade de gênero, duas respostas chamaram a atenção por sua inadequação conceitual. Um dos participantes se autodeclarou como "hetero" e outro como "masculino", o que evidencia uma possível confusão entre identidade de gênero, orientação afetivo-sexual e sexo biológico (Gontijo, 2023). A confusão conceitual sugere uma lacuna no entendimento sobre as complexidades da identidade humana, destacando a necessidade de mais informação e discussão sobre questões de gênero e sexualidade.

Os resultados também indicam uma predominância de indivíduos que se identificam como heterossexuais, conforme evidenciado pelos dados do IBGE (2022), que mostram que 94,8% da população brasileira autodeclara-se heterossexual. Entretanto, a representatividade da comunidade LGBTQIAPN+ aparece como minoria, tanto nos dados aqui analisados (17,7%) quanto nos dados do IBGE (2022), onde apenas 2% da população se identifica como parte dessa comunidade, e nos dados do Instituto Datafolha (2022), que apontam 9,3%. Ressalta-se que, embora o anonimato tenha sido garantido, a sensibilidade do tema pode ter influenciado a sinceridade das respostas. Fatores como o medo do julgamento, o desconforto ou a pressão por conformidade social podem levar os/as participantes a fornecerem respostas socialmente aceitáveis, evidenciando como os preconceitos estruturais ainda operam como barreiras na coleta de dados.

A seguir, os dados coletados junto aos/às estudantes de Educação Física da PUC-MG são apresentados de forma descritiva, detalhando frequências e percentuais por meio de tabelas. A amostra foi segmentada entre estudantes LGBTQIAPN+ e não LGBTQIAPN+ para evidenciar possíveis disparidades na percepção e na vitimização por comportamentos discriminatórios, sem a aplicação de testes estatísticos inferenciais ou comparativos. Essa abordagem foca na descrição das tendências observadas, permitindo uma análise sobre como o preconceito afeta distintamente cada segmento da população estudantil.

A Tabela 3 apresenta as ocorrências de comportamentos heterossexistas entre estudantes, sob a perspectiva dos/as respondentes. No grupo LGBTQIAPN+, a maioria

testemunhou tais atos com frequência, concentrando-se em "algumas ocasiões" (53,8%; n=14) e "muitas ocasiões" (27%; n=7), enquanto uma parcela de 3,8% (n=1) afirmou jamais ter presenciado tais eventos. Entre os/as estudantes não LGBTQIAPN+, os resultados apresentaram maior dispersão, dividindo-se entre "muitas ocasiões" (31,4%; n=38) e a ausência total de testemunho ("nunca"; 30,6%; n=37), seguidos por "algumas" (28,9%; n=35) e "poucas ocasiões" (9,1%; n=11). Os dados reiteram uma clivagem perceptiva: o grupo LGBTQIAPN+ reporta uma exposição maior ao fenômeno, evidenciando que comportamentos heterossexistas são mais visíveis e frequentes para aqueles/as que pertencem à minoria sexual e de gênero estudada.

Tabela 3 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante foi testemunha de comportamentos heterossexistas cometidos por outros/as estudantes

Item	**Opção de Resposta**	**LGBTQIAPN+ % (n)**	**Não LGBTQIAPN+ % (n)**
Como estudante, em quantas ocasiões você foi testemunha de comportamentos heterossexistas cometidos por outros estudantes?	Muitas (6 ou +)	27 (7)	31,4 (38)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	53,8 (14)	28,9 (35)
	Poucas (1 vez)	15,4(4)	9,1 (11)
	Nunca	3,8 (1)	30,6 (37)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

Os resultados da Tabela 4 referem-se à frequência de observação de comportamentos heterossexistas praticados por estudantes contra docentes. No grupo LGBTQIAPN+, apenas 30,8% (n=8) dos/as participantes declararam nunca ter presenciado tais condutas, enquanto a maioria reportou ocorrências distribuídas entre as categorias "poucas" (26,9%; n=7), "algumas" (23,1%; n=6) e "muitas ocasiões" (19,2%; n=5). Em contraste, quase metade da amostra de estudantes não LGBTQIAPN+ (49,5%; n=60) afirmou jamais ter observado tais comportamentos, seguida por percepções em "algumas" (24,9%; n=30), "poucas" (16,5%; n=20) e "muitas ocasiões" (9,1%; n=11). Os dados evidenciam que estudantes LGBTQIAPN+ manifestam uma acuidade perceptiva superior quanto ao heterossexismo direcionado ao corpo docente, revelando uma disparidade interpretativa em comparação aos pares não LGBTQIAPN+.

Tabela 4 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante observou comportamentos heterossexistas de um/a estudante em relação a um/a professor/a

Item	Opção de Resposta	LGBTQIAPN+ % (n)	Não LGBTQIAPN+ % (n)
Quantas vezes, enquanto estudante, você observou comportamentos heterossexistas de um estudante em relação a um(a) professor(a)?	Muitas (6 ou +)	19,2 (5)	9,1 (11)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	23,1 (6)	24,9 (30)
	Poucas (1 vez)	26,9 (7)	16,5 (20)
	Nunca	30,8 (8)	49,5 (60)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

Os dados referentes à frequência com que estudantes testemunharam comportamentos homofóbicos entre pares (Tabela 5) revelam disparidades entre os grupos. No segmento LGBTQIAPN+, a percepção é acentuada, concentrando-se nas categorias "muitas ocasiões" (42,3%; n=11) e "algumas ocasiões" (34,6%; n=9), ao passo que apenas 7,7% (n=2) declararam jamais ter presenciado tais atos. Em contrapartida, embora uma parcela dos/as estudantes não LGBTQIAPN+ também relate ocorrências frequentes (30,6%; n=37), nota-se uma incidência de indivíduos que afirmam nunca ter testemunhado tais condutas (24%; n=29), seguidos por relatos em "algumas" (28,9%; n=35) e "poucas ocasiões" (16,5%; n=20). Em suma, os resultados evidenciam que estudantes LGBTQIAPN+ possuem uma percepção de vigilância e exposição ao fenômeno da homofobia entre colegas superior àquela reportada pelos pares não LGBTQIAPN+. Essa percepção de vigilância constante reflete a análise de Borrillo (2010), que define a homofobia não apenas como um erro de julgamento individual, mas como uma 'tecnologia política' de controle que visa marcar as fronteiras do que é socialmente aceitável, mantendo os sujeitos dissidentes em um estado de alerta e submissão.

Tabela 5 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante foi testemunha de comportamentos homofóbicos entre estudantes

Item	Opção de Resposta	LGBTQIAPN+ % (n)	Não LGBTQIAPN+ % (n)
Como estudante, em quantas ocasiões você foi testemunha de comportamentos homofóbicos entre estudantes?	Muitas (6 ou +)	42,3 (11)	30,6 (37)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	34,6 (9)	28,9 (35)
	Poucas (1 vez)	15,4 (4)	16,5 (20)
	Nunca	7,7 (2)	24 (29)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

Os dados da Tabela 6 referem-se à observação de comportamentos homofóbicos direcionados ao corpo docente. Diferentemente dos cenários anteriores, observa-se aqui

uma convergência nas percepções: a maioria dos/as estudantes, independentemente de sua orientação afetivo-sexual ou identidade de gênero, afirmou jamais ter presenciado tais atos, com percentuais de 69,2% (n=18) no grupo LGBTQIAPN+ e 68,6% (n=83) no grupo não LGBTQIAPN+. Para os demais participantes, as percepções de ocorrência distribuíram-se de forma residual. No segmento LGBTQIAPN+, os relatos variaram entre "poucas" (19,2%; n=5), "muitas" (7,7%; n=2) e "algumas ocasiões" (3,9%; n=1); já entre os estudantes não LGBTQIAPN+, as frequências foram de 15,7% (n=19) para "poucas", 12,4% (n=15) para "algumas" e 3,3% (n=4) para "muitas ocasiões". Os resultados sugerem que, no ambiente acadêmico investigado, a figura docente parece estar menos exposta a agressões homofóbicas explícitas do que o corpo discente, ou que tais condutas ocorrem fora do alcance da observação geral dos/as estudantes.

Tabela 6 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante foi testemunha de comportamentos homofóbicos direcionados a um/a professor/a

Item	Opção de Resposta	LGBTQIAPN+ % (n)	Não LGBTQIAPN+ % (n)
Como estudante, quantas vezes você foi testemunha de comportamentos homofóbicos direcionados a um(a) professor(a)?	Muitas (6 ou +)	7,7 (2)	3,3 (4)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	3,9 (1)	12,4 (15)
	Poucas (1 vez)	19,2 (5)	15,7 (19)
	Nunca	69,2 (18)	68,6 (83)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

A Tabela 7 descreve as frequências em que os/as estudantes foram alvos diretos de comportamentos homofóbicos perpetrados por colegas de turma. A maioria da amostra, em ambos os grupos, declarou nunca ter sofrido tais agressões. No segmento LGBTQIAPN+, embora nenhum/a participante tenha relatado vitimização frequente ("muitas vezes"), 15,4% (n=4) afirmaram ter sido alvos em "algumas vezes" e 23,1% (n=6) em "poucas vezes", totalizando 38,5% de respondentes que já sofreram algum tipo de ofensa direta. Já entre os/as estudantes não LGBTQIAPN+, a ausência de vitimização foi ainda mais expressiva (84,3%; n=102), com relatos residuais de ocorrências em muitas (3,3%; n=4), algumas (8,3%; n=10) ou poucas vezes (4,1%; n=5). Os dados sugerem que, embora a maioria não se identifique como alvo direto, a prevalência de vitimização é proporcionalmente superior entre estudantes do grupo minoritário.

Tabela 7 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante foi alvo de comportamentos homofóbicos por parte de colegas de turma

Item	Opção de Resposta	LGBTQIAPN+ % (n)	Não LGBTQIAPN+ % (n)
Alguma vez você já foi alvo de comportamentos homofóbicos por parte de colegas de turma? Se sim, quantas vezes?	Muitas (6 ou +)	0 (0)	3,3 (4)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	15,4 (4)	8,3 (10)
	Poucas (1 vez)	23,1 (6)	4,1 (5)
	Nunca	61,5 (16)	84,3 (102)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

Os dados da Tabela 8 referem-se à vitimização de estudantes por comportamentos homofóbicos perpetrados por docentes. Embora a maioria dos/as respondentes em ambos os grupos tenha declarado nunca ter sido alvo de tais condutas, observa-se uma disparidade na frequência de vitimização. No segmento LGBTQIAPN+, 30,8% (n=8) dos/as estudantes relataram ter sofrido algum tipo de agressão homofóbica por parte de professores/as, distribuídos entre as categorias "muitas vezes" (3,8%; n=1), "algumas vezes" (11,5%; n=3) e "poucas vezes" (15,5%; n=4). Em contraste, entre os/as estudantes não LGBTQIAPN+, a ausência de vitimização atingiu 94,2% (n=114), com relatos residuais de ocorrência em muitas (0,8%; n=1) ou poucas ocasiões (5%; n=6). Os resultados evidenciam que, embora menos frequente que a violência entre pares, a homofobia praticada por docentes atinge de forma desproporcional os estudantes do grupo minoritário.

Tabela 8 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante foi alvo de comportamentos homofóbicos por parte de professores/as

Item	**Opção de Resposta**	**LGBTQIAPN+ % (n)**	**Não LGBTQIAPN+ % (n)**
Alguma vez você já foi alvo de comportamentos homofóbicos por parte de professores ou professoras? Se sim, quantas vezes?	Muitas (6 ou +)	3,8 (1)	0,8 (1)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	11,5 (3)	0 (0)
	Poucas (1 vez)	15,5 (4)	5 (6)
	Nunca	69,2 (18)	94,2 (114)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

A Tabela 9 apresenta a frequência com que os/as estudantes admitiram o uso de comentários, críticas ou insultos de natureza homofóbica. Em ambos os grupos, a maioria dos/as respondentes afirmou jamais ter utilizado tais expressões. No segmento LGBTQIAPN+, nenhum participante relatou uso frequente ("muitas vezes"), enquanto 11,5% (n=3) admitiram o uso em "algumas vezes" e 30,8% (n=8) em "poucas vezes",

totalizando 42,3% que reconhecem já ter reproduzido tais discursos. Em contrapartida, entre os/as estudantes não LGBTQIAPN+, embora a maioria (51,2%; n=62) declare nunca ter feito uso de termos homofóbicos, observa-se um percentual expressivo de admissão de uso em "muitas vezes" (13,2%; n=16), "algumas vezes" (18,2%; n=22) e "poucas vezes" (17,4%; n=21). Os dados revelam que quase metade da amostra não LGBTQIAPN+ (48,8%) admite a prática de discursos homofóbicos em algum nível de recorrência. A incidência de comportamentos homofóbicos partindo do corpo docente pode revelar a face institucional do fenômeno. Segundo Borrillo (2010), a homofobia funciona como um braço do sexismo que utiliza a hierarquia e a autoridade para punir aqueles que não se conformam aos papéis de gênero tradicionais, reforçando a universidade como um espaço de reprodução da norma e não apenas de produção de conhecimento.

Tabela 9 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante fez uso de comentário, críticas ou insultos de natureza homofóbica

Item	**Opção de Resposta**	**LGBTQIAPN+ % (n)**	**Não LGBTQIAPN+ % (n)**
Alguma vez fez uso de comentários, críticas ou insultos de natureza homofóbica? Se sim, quantas vezes?	Muitas (6 ou +)	0 (0)	13,2 (16)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	11,5 (3)	18,2 (22)
	Poucas (1 vez)	30,8 (8)	17,4 (21)
	Nunca	57,7 (15)	51,2 (62)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

Os dados da Tabela 10 analisam a autodeclaração quanto ao uso de comentários sexistas com conotação homofóbica. Os resultados demonstram que a prática de tais discursos é reconhecida por membros/as de ambos os grupos, embora com maior prevalência e intensidade entre os/as estudantes não LGBTQIAPN+. Neste último grupo, a maioria (64,5%) admitiu o uso em alguma frequência, sendo que 28,9% (n=35) afirmaram utilizá-los "muitas vezes", 21,5% (n=26) "algumas vezes" e 14,1% (n=17) "poucas vezes". No segmento LGBTQIAPN+, exatamente metade da amostra (50%; n=13) declarou nunca ter recorrido a tais comentários, enquanto a outra metade dividiu-se majoritariamente entre o uso frequente ("muitas vezes": 23,1%; n=6) e moderado ("algumas vezes": 23,1%; n=6). Os dados sugerem que o sexismo de conotação homofóbica é um componente linguístico presente no cotidiano acadêmico, sendo reproduzido inclusive por aqueles que pertencem às minorias sexuais, ainda que em menor escala que seus pares.

Tabela 10 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante utilizou comentários sexistas de conotação homofóbica

Item	Opção de Resposta	LGBTQIAPN+ % (n)	Não LGBTQIAPN+ % (n)
Alguma vez utilizou comentários sexistas de conotação homofóbica? Se sim, quantas vezes?	Muitas (6 ou +)	23,1 (6)	28,9 (35)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	23,1 (6)	21,5 (26)
	Poucas (1 vez)	3,8 (1)	14,1 (17)
	Nunca	50 (13)	35,5 (43)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

A Tabela 11 apresente as respostas referentes ao uso de comentários heterossexistas fundamentados na presunção de que todos os indivíduos no ambiente seriam heterossexuais. Os resultados indicam que a maioria dos/as estudantes em ambos os grupos afirma nunca ter proferido tais comentários. No segmento LGBTQIAPN+, esse índice atingiu 77% (n=20), com relatos residuais distribuídos entre "algumas" (15,4%; n=4), "muitas" (3,8%; n=1) e "poucas vezes" (3,8%; n=1). Entre os/as estudantes não LGBTQIAPN+, o percentual de indivíduos que declararam nunca ter utilizado tais termos foi inferior (68,6%; n=83), enquanto as demais respostas dividiram-se entre o uso em poucas (13,3%; n=16), algumas (10,7%; n=13) e muitas ocasiões (7,4%; n=9). Em suma, os dados sugerem que a reprodução da presunção de heteronormatividade é mais frequente entre os estudantes não pertencentes à minoria sexual e de gênero estudada.

Tabela 11 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante fez uso de comentários heterossexistas

Item	Opção de Resposta	LGBTQIAPN+ % (n)	Não LGBTQIAPN+ % (n)
Alguma vez você proferiu comentários heterossexistas? Se sim, quantas vezes?	Muitas (6 ou +)	3,8 (1)	7,4 (9)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	15,4 (4)	10,7 (13)
	Poucas (1 vez)	3,8 (1)	13,3 (16)
	Nunca	77 (20)	68,6 (83)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

A Tabela 12 apresenta a frequência de uso do termo "normal" como sinônimo de heterossexualidade, pressupondo-a como norma social. Os dados revelam que a maioria dos/as estudantes em ambos os grupos nega o uso da expressão com essa conotação. No segmento LGBTQIAPN+, 80,8% (n=21) afirmaram jamais ter utilizado o termo dessa forma, com registros residuais em "algumas" (7,7%; n=2) e "poucas vezes" (11,5%; n=3). Em contrapartida, entre os/as estudantes não LGBTQIAPN+, o índice de indivíduos que declararam nunca ter utilizado o termo foi menor (65,3%; n=79), enquanto as demais respostas indicaram o uso em muitas (10,8%; n=13), algumas (9,9%; n=12) ou poucas

ocasiões (14%; n=17). Em suma, os resultados apontam que o grupo não pertencente à minoria sexual estudada apresenta uma maior tendência à naturalização da heterossexualidade por meio de marcadores linguísticos normativos. Essa naturalização corrobora com Katz (1996), ao argumentar que a heterossexualidade não é uma constante biológica a-histórica, mas uma 'invenção' social e cultural consolidada como norma para marginalizar outras formas de prazer e identidade.

Tabela 12 – Percentual e frequência de ocasiões que o/a estudante utilizou o termo "normal" para assumir que a heterossexualidade é a norma

Item	Opção de Resposta	LGBTQIAPN+ % (n)	Não LGBTQIAPN+ % (n)
Alguma vez você utilizou o termo "normal", assumindo que a heterossexualidade é a norma e que outras orientações ou identidades sexuais são anormais? Se sim, quantas vezes?	Muitas (6 ou +)	0 (0)	10,8 (13)
	Algumas (de 2 a 5 vezes)	7,7 (2)	9,9 (12)
	Poucas (1 vez)	11,5 (3)	14 (17)
	Nunca	80,8 (21)	65,3 (79)
	Total	100 (26)	100 (121)

Fonte: dados da pesquisa. % = porcentagem; n = frequência

A partir dos dados coletados, percebe-se que, embora grande parte dos/as respondentes de ambos os grupos demonstre certa conscientização, comportamentos heterossexistas e homofóbicos ainda persistem no ambiente acadêmico. Esse padrão corrobora os achados de Jaeger *et al.* (2019) e Morrow e Gill (2003), indicando que esses comportamentos são comuns e estão enraizados nas interações do ambiente de formação em Educação Física, ligados a estereótipos de gênero e relações de poder.

Essa persistência pode ser compreendida através do conceito de dominação masculina de Pierre Bourdieu (1999), que a descreve como uma violência simbólica incorporada em um *habitus* que naturaliza a superioridade do masculino e a heteronormatividade. No campo da Educação Física, esse processo é intensificado pela valorização de uma performance corporal que exclui o que é lido como 'feminino' ou 'dissidente', reafirmando o que Erineuza Maria da Silva e Eliza Bartolozzi Ferreira (2023) identifica como a manutenção de posições de poder por meio da reprodução de esquemas de percepção sexistas e excludentes.

Vale ressaltar que, estudantes LGBTQIAPN+ tendem a estar mais atentos e expostos/as a esses comportamentos, tanto em interações com colegas quanto com professores/as, devido à vivência direta e à maior sensibilidade para situações de discriminação, conforme apontam Sousa *et al.* (2020) e Vito, Costa e Soares (2024). Esse

resultado é consistente com as observações de Sousa *et al*. (2020) e Anjos (2015), que discutem como o ambiente acadêmico pode, muitas vezes, reforçar práticas excludentes, seja pela ausência de políticas inclusivas ou pela banalização de piadas e comentários discriminatórios.

A carência de discussões teóricas sólidas reflete um currículo que, sob a máscara da neutralidade biológica, acaba por omitir as relações de poder e as desigualdades de gênero. Como argumentam Ana Beatriz Carvalho de Araújo e Fabiano Pries Devide (2019), a inserção de conteúdos sobre diversidade não deve ser apenas pontual, mas sim uma estratégia para desestabilizar as hierarquias de gênero que estruturam a formação inicial, evitando que a universidade seja apenas um aparelho de reprodução da dominação masculina.

Observou-se também uma proporção de estudantes, de ambos os grupos, que relataram terem sido alvo de comentários homofóbicos. Mesmo que a maioria das respostas indique que tais experiências são mais frequentemente presenciadas do que diretamente vividas, percebe-se a presença de uma cultura de discriminação velada e disseminada. Por outro lado, muitos/as estudantes não LGBTQIAPN+ não percebem esses comportamentos como problemáticos. Essa diferença de percepção pode estar associada à relevância pessoal e à vivência cotidiana de preconceitos pelos estudantes LGBTQIAPN+, como discutido por Bretas (2017) e Prado e Altmann (2023). Esse maior grau de percepção e incidência de comportamentos homofóbicos entre estudantes LGBTQIAPN+ confirma os achados de Antunes e Lobato (2024) sobre as barreiras culturais e sociais que essa população enfrenta em ambientes acadêmicos. A dificuldade de percepção por parte dos estudantes não LGBTQIAPN+ pode refletir o que Katz (1996) descreve como a onipresença da norma heterossexual, que, por ser tratada como um dado da natureza, torna-se invisível para aqueles que a performam, silenciando os mecanismos de poder que a sustentam no ambiente acadêmico.

Essa cegueira deliberada ou dificuldade de percepção pode ser interpretada como um efeito da violência simbólica, conforme definida por Bourdieu (1999). Nesse mecanismo, a dominação não é exercida apenas pela força física, mas pela imposição de significados que são aceitos como legítimos e 'naturais' tanto por quem domina quanto por quem é dominado/a. Como aponta Silva e Ferreira (2023), no campo acadêmico, o poder se manifesta na capacidade de definir o que é 'normal', silenciando as resistências de forma que o preconceito sequer seja nomeado como tal pelos grupos majoritários.

De modo geral, tanto estudantes LGBTQIAPN+ quanto não LGBTQIAPN+ tendem a evitar o uso de termos que normatizam a heterossexualidade como única orientação válida. No entanto, o uso mais comum entre estudantes não LGBTQIAPN+, alinha-se com as descrições de Bretas (2017) sobre heterossexismo como um sistema que posiciona a heterossexualidade como padrão aceitável e esperado. Essa percepção evidencia um padrão de normalização que marginaliza sexualidades não heterossexuais, funcionando como uma forma de falso reconhecimento que exclui minorias sexuais da plena participação no ambiente acadêmico. Essa exclusão, como discutem Baére e Zanello (2022), pode impactar negativamente a saúde mental dos/as estudantes LGBTQIAPN+, que enfrentam desafios adicionais para serem aceitos/as e respeitados/as em um ambiente predominantemente cisheteronormativo.

Os resultados desse trabalho apontam para a necessidade de ações educativas e políticas inclusivas que abordem a diversidade de orientações e identidades sexuais, em especial em cursos como o de Educação Física, onde, como apontam Bretas (2017) e Taborda (2023), questões de masculinidade e estereótipos de gênero podem estar ainda mais enraizadas.

De fato, a Educação Física constitui-se historicamente como um campo de reserva masculina, onde a masculinidade hegemônica é constantemente performada e cobrada. Segundo Fabiano Pries Devide *et al.* (2011), esse cenário cria uma 'fronteira de gênero' que estigmatiza estudantes que não se adequam aos padrões de virilidade e força, transformando o ambiente acadêmico em um espaço de reprodução de preconceitos que deveriam ser superados na formação inicial.

A persistência desses comportamentos está atrelada ao fato de a Educação Física ser historicamente um local de culto à performance e à força viril, características que compõem o habitus desse campo profissional. De acordo com Fabiano Pries Devide (2025), a formação em Educação Física muitas vezes atua como um espaço de vigilância das masculinidades, onde o corpo que não performa a heteronormatividade é lido como abjeto ou incapaz, reforçando barreiras simbólicas que excluem estudantes LGBTQIAPN+ da plena identificação com a profissão.

Essas intervenções devem promover o respeito e o reconhecimento das identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais diversas, garantindo que todos/as os/as estudantes possam se desenvolver em um ambiente seguro e acolhedor. A criação de espaços de discussão e a inclusão de mais conteúdos que abordem diversidade e respeito no currículo, como sugerem Ribeiro (2024) e Paranhos e Macedo (2023), são

passos essenciais para desconstruir a cultura heteronormativa e homofóbica existente e promover uma formação mais humanizada e inclusiva.

Entretanto, a literatura aponta que a abordagem desses temas na formação inicial ainda é incipiente e, por vezes, negligenciada nos currículos oficiais. Como destacam Marcelo Alencar Leite *et al.* (2022) e Bárbara Aparecida Bepler Pires, Thalita Regina de Oliveira Portela e Ayra Lovisi Oliveira (2023), para além da inclusão de disciplinas isoladas, é necessário que o debate de gênero atravesse a estrutura pedagógica de forma transversal, rompendo com a visão puramente biológica do corpo e enfrentando as hierarquias de poder que estruturam a prática profissional.

Sugere-se, ainda, a realização de intervenções que promovam um ambiente acadêmico mais acolhedor e respeitoso, o que pode ser feito através da inclusão e discussão de mais conteúdos sobre diversidade sexual e de gênero nos currículos, acompanhada da capacitação contínua de professores/as e estudantes, e desenvolvimento de redes de acolhimento e apoio no curso de Educação Física da PUC-MG. Essas intervenções podem ocorrer através de atividades de debates e mesas-redondas, semanas acadêmicas, disciplinas focadas em diversidade e, a criação de espaços de acolhimento, como grupos de apoio e redes de suporte para estudantes LGBTQIAPN+ do curso de Educação Física e na PUC-MG. Além disso, é essencial adotar políticas firmes contra discriminação e aprimorar a divulgação dos canais de denúncia, como a ouvidoria da PUC-MG, através de campanhas de comunicação interna, eventos, materiais impressos e digitais, além de realizar enquetes, pesquisas e *feedbacks* constantes. Tais ações visam não apenas reduzir o preconceito, mas também construir uma cultura de respeito e valorização da diversidade, auxiliando assim, a criação de espaços verdadeiramente inclusivos no contexto da Educação Física e além.

Diante dos achados, torna-se evidente que a permanência de comportamentos heterossexistas e homofóbicos no ambiente acadêmico não é apenas reflexo de posturas individuais, mas expressão de uma cultura social e institucional ainda marcada pela cisheteronormatividade. A análise das percepções diferenciadas entre estudantes LGBTQIAPN+ e não LGBTQIAPN+ revela a urgência de repensar práticas pedagógicas, políticas institucionais e relações interpessoais nos cursos de Educação Física, a fim de romper com padrões de exclusão historicamente naturalizados. Mais do que inserir conteúdos sobre diversidade nos currículos, é fundamental promover uma transformação cultural que envolva toda a comunidade acadêmica, incluindo docentes, estudantes e gestores, na construção de um ambiente de aprendizagem crítico, plural e afetivamente

seguro. Assim, a universidade pode, de fato, cumprir seu papel social na promoção dos direitos humanos, da equidade e da justiça social, formando profissionais que não apenas reconheçam a diversidade, mas que a valorizem como princípio ético e pedagógico fundamental.

Considerações Finais

A presente pesquisa contribui para a compreensão sobre a percepção de comportamentos heterossexistas e homofóbicos no ambiente acadêmico do curso de Educação Física da PUC-MG. Os resultados indicam que, embora exista uma conscientização razoável por parte dos/as estudantes, atitudes discriminatórias ainda são percebidas, especialmente entre estudantes LGBTQIAPN+, que relataram maior frequência de vivência e testemunho dessas situações. Esse padrão reforça os achados de estudos prévios, que destacam como a presença de estereótipos de gênero e normas heteronormativas pode perpetuar um ambiente acadêmico hostil.

As diferenças de percepção entre estudantes LGBTQIAPN+ e não LGBTQIAPN+ sugerem que a sensibilidade para com esses comportamentos pode estar diretamente relacionada à vivência de discriminações cotidianas, revelando a necessidade de promover a conscientização de toda a sociedade e comunidade acadêmica. Comentários homofóbicos e heterossexistas, mesmo em menor escala, ainda ocorrem, refletindo normas culturais e sociais mais amplas, as quais precisam ser desconstruídas por meio de políticas e ações educativas inclusivas.

O estudo apresentou algumas limitações, como o número desigual de participantes em cada grupo, o que pode afetar a representatividade e a consistência dos resultados. Além disso, a ausência de comparações estatísticas limitou a análise, impedindo que fossem identificadas diferenças significativas entre os grupos, o que teria proporcionado uma compreensão mais aprofundada das percepções de comportamentos heterossexistas e homofóbicos. Ademais, uma vez que os participantes respondem com base em sua própria percepção, que é subjetiva e pode diferir do que realmente sentem ou fazem, esse tipo de pesquisa pode gerar dados imprecisos, influenciando a forma como expressam esses aspectos.

Para futuras pesquisas, sugere-se aumentar o tamanho da amostra e garantir uma distribuição mais equilibrada entre os grupos para melhorar a precisão e a confiabilidade dos resultados. Outra recomendação é realizar uma análise estatística comparativa, o que

permitiria verificar a significância das diferenças entre as percepções dos/as estudantes LGBTQIAPN+ e não LGBTQIAPN+, oferecendo uma base mais sólida para generalizações.

Espera-se que este estudo possa ter contribuído para a área da Educação Física, promovendo um maior entendimento sobre as dinâmicas de preconceito e discriminação no ambiente acadêmico. Além disso, busca-se sensibilizar tanto a comunidade acadêmica quanto a sociedade em geral para a necessidade de políticas inclusivas e ações que garantam um espaço mais acolhedor e respeitoso para todos/as, incentivando a valorização da diversidade e o combate ao preconceito.

Referências

AGUIAR, Thatielli de Araujo; COSTA JUNIOR, Edson Farret da; SOARES, Raphael Almeida Silva. Profile of physical education students and interest in the areas of performance in education and health. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 10, p. e43111031856, 2022.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. "vôlei masculino é pra homem": representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. *Movimento*, v. 21, n. 1, p. 11–23, 2015.

ANTUNES, Graciete Pantoja; LOBATO, Vivian da Silva. Vivências dos jovens militantes LGBTQIA+ em face às manifestações homofóbicas presentes no convívio escolar em Igarapé-Miri, Pará. *Educação Online*, v. 19, n. 47, p. e24194701, 2024.

ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. "Gênero" e "sexualidade" na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das Instituições de Ensino Superior públicas do Rio de Janeiro. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 173-197, jan./jul. 2019.

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. A saúde mental nas ondas do movimento LGBTQIA+ brasileiro. *Historiæ*, v. 13, n. 1, p. 129-150, 2022.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. *Letras Escreve*, Macapá, v. 7, n. 1, p. 137–164, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRETAS, Aléxia Cruz. O heterossexismo é meramente cultural? Judith Butler e Nancy Fraser em diálogo. *Ideias*, v. 8, n. 1, p. 227-246, 2017.

CIRQUEIRA, Nilson Sousa; SANTANA, José Valdir Jesus de; PEREIRA, Reginaldo Santos. Os discursos em torno da ideologia de gênero, o kit gay e a homofobia no curso de Pedagogia em uma universidade estadual da Bahia. *Série-Estudos*, v. 28, n. 64, p. 185-206, 2023.

COELHO, Gilson Gomes; DESIDÉRIO, Plábio Marcos Martins; ROCHA, Luisa Pereira. Afinal, o que é a LGBTFOBIA? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 34, p. 1115-1115, 2023.

DEVIDE, F. P. *et al.* Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz: Revista de Educação Física,* v. 17, n. 1, p. 93–103, jan. 2011.

DEVIDE, Fabiano. Masculinidades, Educação Física e Esporte: reflexões e proposições para um ambiente inclusivo e seguro. *Diversidade e Educação*, *[S. l.]*, v. 13, n. 2, p. 1040–1058, 2025.

GIL, Antonio C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: *Atlas*, 2017.

GONTIJO, Fabiano. Por uma antropologia antinormativa, pública e comprometida: algumas considerações sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 15, n. 2, p. 50-72, 2023.

HEREK, Gregory M. Beyond "homophobia": thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*, v. 1, p. 6–24, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional de saúde: 2019: orientação sexual autoidentificada da população adulta / IBGE, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. *Biblioteca IBGE*, Rio de Janeiro, 25 mai. 2022.

INSTITUTO DATAFOLHA. Datafolha aponta que 15,5 milhões de brasileiros se autodeclaram LGBTQIA. *Estado de Minas Diversidade*, Belo Horizonte, 21 set. 2022.

JAEGER, Angelita Alice *et al*. Formação profissional em educação física: homofobia, heterossexismo e as possibilidades de mudanças na percepção dos(as) estudantes. *Movimento* (ESEFID/UFRGS), v. 25, p. e25040, 20 jun. 2022.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LEITE, Marcelo Alencar *et al.* A temática gênero na licenciatura em Educação Física: discussões acerca da formação inicial. *Motrivivência,* Florianópolis, v. 34, n. 65, 2022.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires *et al.*; Enfrentamentos ao bullying homofóbico na escola: convite para uma reflexão. *Temporalidades*, v. 12, n. 1, p. 681-701, 2020.

MORROW, Ronald G.; GILL, Diane L. Perceptions of homophobia and heterosexism in Physical Education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 74, n. 2, p. 205-214, 2003.

PARANHOS, William Roslindo; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Mapeamento da produção na pós-graduação nacional acerca do bullying homofóbico na escola. *Diversidade e Educação*, v. 11, n. 1, p. 69-98, 2023.

PAULA, Adeilson. A importância das discussões de gêneros e sexualidades na educação: fortalecendo o combate ao conservadorismo. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 7, n. 22, 2024.

PHARR, Suzanne. *Homophobia: a weapon of sexism.* Berkeley, CA: Chardon Press, 1997.

PIRES, Bárbara Aparecida Bepler; PORTELA, Thalita Regina de Oliveira; OLIVEIRA, Ayra Lovisi. A educação física escolar e as discussões de gênero: contribuições do PIBID para a formação docente. *Conexões,* Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e023016, 2023.

PRADO, Vagner Matias do; ALTMANN; Helena. Problematizações sobre acesso e permanência de estudantes LGBTQIA+ na universidade pública: apontamentos sobre produções acadêmicas. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 39, n. 1, 2023.

RIBEIRO, Maria Luzia Covas Fonseca. O impacto da vivência escolar na autoestima: o bullying e sua influência no psicológico de jovens LGBTQIA+. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido (Org). *Educação, violência, exclusão e promoção de políticas públicas: uma análise e reflexão sobre a comunidade LGBTQIAPN no Brasil*. Guarujá, SP. Editora Científica Digital, 2024.

SILVA, Breno Eustáquio da *et al.* O professor e seu papel na prevenção e combate à homofobia. *Contribuciones a las ciencias sociales*, v. 17, n. 3, p. e5899-e5899, 2024.

SILVA, Erineusa Maria da; FERREIRA, Eliza Bartolozzi. Habitus de gênero: tensionamentos ao conceito de habitus em Bourdieu. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 34, p. e20200045, 2023.

SILVA, Jardinélio Reis da; ROCHA, Damião. Estado da arte sobre homofobia e educação. *Multidebates*, v. 8, n. 1, p. 68-73, 2024.

SOUSA, Sandra *et al.* Discriminação positiva e discriminação negativa de pessoas com sexualidade não-normativa no contexto laboral. *New Trends in Qualitative Research*, Oliveira de Azeméis, Portugal, v. 4, p. 96–111, 2020.

SPIZZIRRI, Giancarlo *et al.* Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence. *Scientific Reports*, 12, 11176, 1-8, 2022.

TABORDA, Jeferson. A homofobia em espaços públicos e privados: antropologia do corpo e das emoções em Nelson Rodrigues. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 18, p. 266-281, 2023.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@ s professor@ s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade. *Educação em Revista*, v. 36, p. e209700, 2020.

VITO, Danyelle dos Santos; COSTA, Silvia Rafaela Demétrio; SOARES, Douglas Verbicaro. Estudo sobre o caso Itaberli Lozano: perspectivas sobre homofobia no Brasil. *Revista Amor Mundi*, v. 5, n. 1, p. 31-47, 2024.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em março de 2026.